

Coragem alagoana

Essa história (os “gramáticos” mais tradicionais rejeitam com veemência o palavra “estória”), com inúmeras versões e variantes, sempre produziu boas risadas quando contada em rodas de operadores jurídicos e salas de aula.

Consta que certo Deputado Federal, descendente de alemães, com quase dois metros de altura, foi ameaçado de morte, em Brasília, no final da década de 70.

Um dos assessores do parlamentar foi incumbido de contratar um segurança. A recomendação era clara e direta: o sujeito precisa ser “pau pra toda obra”.

Passados cerca de 30 (trinta) dias, apareceu o segurança do Deputado. Tratava-se de um alagoano com não mais de um metro e sessenta centímetros de altura e “magro de dar dó” (o famoso caso “pele e osso, quase sem recheio”).

Reunidos os assessores do parlamentar, a dúvida instalou-se inapelavelmente. Ninguém “levava fé” numa ação enérgica e eficiente do segurança contratado a “peso de ouro”, frise-se. Nessas

condições, um dos acólitos do deputado foi escalado para interrogar o franzino alagoano acerca de suas qualidades de segurança diante uma ameaça aguda contra a vida do protegido.

O indivíduo foi seco e direto, sem rodeios ou meias-palavras: *“Chapéu de Couro, na hora da necessidade, na hora da precisão, você teria coragem de matar alguém para proteger o deputado?”*.

A resposta saiu baixa e quase inaudível da boca quase sem dentes do alagoano, naquele instante ainda desacreditado: *“Ô seu dotô, coragem não tenho não. Tenho é costume”*.

O teor dessa conversa se espalhou, o deputado nunca foi molestado e a fama de valentia dos alagoanos ganhou mais alguns pontos.